

Perfil

O jornalista, escritor e tradutor Eric Nepomuceno nasceu em 1948 em São Paulo, mas foi criado no Rio de Janeiro. Tornou-se jornalista em 1965 e, desde o seu início profissional, voltou-se para a divulgação da literatura e da música continental, na época ainda praticamente desconhecidas do grande público. Paralelamente à carreira de correspondente internacional – primeiramente na Argentina, depois na Espanha e no México, mas com passagens por vários outros países –, ele desenvolveu um aprofundamento não só intelectual, mas também estabeleceu laços de amizade com escritores. Em 1986, abandonou o jornalismo diário e, desde então, escreve ocasionalmente para

a imprensa do Brasil, da Espanha e do México. Vencedor por duas vezes do Prêmio Jabuti, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, na categoria Tradução, Eric traduziu obras dos principais autores contemporâneos da literatura hispânica: Gabriel García Márquez, Juan Rulfo, Julio Cortázar e Jorge Luis Borges, entre outros. Como escritor, publicou, entre outras obras, Memórias de um Setembro na Praça (1979), A Palavra Nunca (1985), Quarenta Dólares e Outras Histórias (1987), Hemingway na Espanha (1991), Quarta-feira (1998) e O Massacre (2007). Obras publicadas no exterior: Hemingway en España (1979), Contradanza y Otras Histórias (1982) e Antes del Invierno (1984).

Eric Nepomuceno

8 de outubro de 2007, na Feira do Livro de Porto Alegre



O que se deveria requerer sempre de um jornalista, Eric Nepomuceno tem de sobra: é bem formado, lido e escrito, tem posições claras, mas combinatórias, e é um ativo participante da vida cultural, investigador e estudioso. Escreve com alívio, não tem a pretensão de parecer um erudito, o que, na verdade, ele é, e freqüenta como interlocutor qualificado as principais publicações do País. Afora ser um palestrante alegre e descontraído e um permutador de idéias generoso e interessado em quem se percebe o efeito de um fato novo na conversação. Sabe ouvir e se beneficia disso.

Ruy

Acho que fui meio abandonado pelo jornalismo. Não existe mais jornal como antigamente. Se eu precisasse de emprego hoje em jornal talvez tivesse de pedir dinheiro emprestado, pois me tornei chato, exigente, velho e muito caro. Mas faço um comentário politicamente incorreto: não conheço nenhum ex-japonês, ex-negro – a não ser o Michael Jackson – assim como também não conheço nenhum ex-jornalista. Trabalhei durante 21 anos da minha vida como jornalista do cotidiano e acredito que devo a minha trajetória e memória ao jornalismo. Adoro escrever para jornal e não considero verdadeira essa divisão usual que se faz entre jornalismo e literatura. Para mim, o jornalismo é um gênero literário nem maior, nem menor, porém muito mais sacrificado e submetido a regras próprias e específicas. No entanto, pertencço a uma ‘escola de trânsito’ – e me orgulho muito dela –, na qual o jornalismo é considerado um gênero que transita em ambos porque a matéria-prima é a mesma. Quando vou escrever um conto, me baseio naquilo que observei da vida, guardei na memória, nos significados. Então, quando vou escrever uma reportagem, fazer uma entrevista ou traçar o perfil de alguém, trato a informação da mesma forma. A diferença fundamental entre aquilo que eu chamo de literatura de ficção e literatura de não-ficção é a seguinte: ao se utilizar, num romance ou conto, dois ou três elementos rigorosamente verdadeiros, se obtém credibilidade para toda a mentira. No jornalismo, se usarmos apenas um elemento de mentira estaremos destruindo toda a verdade. Fui criado numa escola de jornalismo em que você era obrigado a escrever bem, ser conciso e ter uma estrutura no texto. Não vejo muitas diferenças, apenas que, ficar numa redação, 10 horas por dia, escrevendo ‘textinhos’ de 20 linhas faz parte do sacrifício jornalístico. Por outro lado, não acho que *Os Sertões* e *Olga*, por exemplo, não sejam obras da literatura. Se pegarmos as crônicas do jornalista e escritor Ernest Hemingway sobre a guerra civil espanhola, podemos tranqüilamente considerá-las literatura, até mesmo porque muitas delas foram publicadas mais tarde, como se fossem contos. Acredito também que não existe escritor, por mais criativo e delirante que seja a sua imaginação, que possa ser mais maluco do que a realidade da América Latina.

Gabriel García Márquez já afirmou diversas vezes que não há uma única linha, em toda a sua obra, que não tenha como ponto de partida a realidade. Outro exemplo a ser mencionado é o escritor Eduardo Galeano, meu mestre e irmão. Nunca vi algo tão rigorosamente pesquisado e documentado como os seus textos, parece imaginação, mas não é. Essa fronteira entre jornalismo e literatura é um pouco como aquela que existe entre a música clássica e a erudita. Não gosto muito de fronteira, não, talvez porque fui despatriado várias vezes na minha vida. Faço literatura de ficção ou não-ficção. Este novo livro, por exemplo, é extremamente investigativo, mas posso afirmar que me deu o mesmo trabalho, emoção e tensão de quando escrevo um conto. Para mim, não há a menor diferença. O meu ofício é escrever. Então, sempre penso que a diferença entre escritor e jornalista é a mesma entre padre e sacerdote, goleiro e esportista.

CARAJÁS

Tenho um amigo, chamado Nilo Batista, um dos melhores advogados criminalistas desse País, que foi assistente de acusação, portanto, da promotoria no primeiro julgamento dos policiais militares que participaram do massacre em Eldorado de Carajás¹, no estado do Pará. O Nilo me ligou perguntando se eu não gostaria de produzir um livro sobre o assunto. Eu não queria mais fazer livros jornalísticos, mas ele tem um certo poder e prestígio em cima da minha pobre alma e, então, pensei no assunto. Lembrei daquele horror e, principalmente, das fotos do Sebastião Salgado. Tudo se encadeia na vida, nada é à toa. Exatamente no dia 17 de abril de 1996, quando o massacre aconteceu, eu me encontrava em Brasília, jantando com Sebastião Salgado, na ocasião ele estava muito afoito, lembro que pegou o celular de um professor da universidade e disse: “Esquece a conta que eu pago!”. Achei aquilo meio arrogante, mas ele ficava grudado no celular que, naquele tempo, era caríssimo. A gente jantando e ele muito agitado, saía e voltava. Estava acontecendo alguma coisa. Mais tarde, pediu que eu o acompanhasse ao banheiro. Entramos no banheiro daquele restaurante cheio de políticos, senadores, aquela coisa de Brasília, e disse: “Acabo de alugar um avião, estou indo às 6h30min para Marabá porque houve uma chacina de sem-terra. Estou me mandando, você segura

¹ Massacre de Eldorado dos Carajás – No dia 17 de abril de 1996, em Eldorado dos Carajás, sul do Pará, 19 agricultores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) morreram e 69 ficaram feridos após confronto com a Polícia Militar. A razão do confronto foi um protesto contra a demora na desapropriação de terras na região.



a mesa". E fugiu levando, inclusive, o celular do professor. Achei aquilo muito estranho e no dia seguinte soube da tragédia. Essa é a primeira lembrança que me veio em mente, depois daquela que qualquer cidadão brasileiro, medianamente informado, tem daquele episódio, para usar uma palavra delicada. Comecei a lembrar dos fatos no final de 2003, não recordava exatamente, mas reconhecia a brutalidade e o choque, e assim surgiram os questionamentos: "Ninguém está preso ou foi punido? E os sobreviventes?" Fui, então, ver o Nilo, que queria que eu fizesse um livro sobre o julgamento, conversamos horas e a visão que me passou era aquela de filmes dos anos 1950, nos Estados Unidos, em que se tem um tribunal, um juiz e um deus, todos brancos e, também, uma lei branca, e, claro, um negro réu, que já entra absolutamente condenado. Percebi que os 153 policiais militares do estado do Pará, que participaram da chacina, entraram no tribunal absolvidos. Decidi então fazer este livro, mas não apenas sobre o julgamento. Iniciei este trabalho em fevereiro de 2004 e o concluí em 2007. Nunca consigo fazer uma coisa só porque senão piro, tenho que fazer sempre duas. A maior parte do tempo em que eu tratava com o horror deste livro – que é uma barra pesadíssima – produzia também o texto de um documentário muito bonito, do Miguel Faria, sobre Vinicius

de Moraes. Tive acesso ao inquérito policial militar e da polícia civil e aos autos do primeiro julgamento e, ainda, muitas entrevistas. Mas não tive acesso ao governador do Pará da época, Almir Gabriel, e nem ao secretário de Segurança Pública, Paulo Sette Câmara. Evidentemente, não tive acesso aos dois julgados porque estavam presos, somente aos advogados, que nunca responderam às diversas perguntas enviadas. Mas, por outro lado, tive acesso a muitas testemunhas. Para entrevistarmos um político importante, ao qual não se tem acesso, se usa um amigo ou intermediário. Foi mais ou menos o que eu fiz, mas no Pará as respostas que ouvi foram muito interessantes. Pedi a duas pessoas para me levarem ao Almir Gabriel. A primeira resposta foi: "Nem pensar!". Já a segunda, mais doce: "Como?!" Insisti dizendo que estava fazendo um livro e que poderia mandar um questionário por e-mail. Já o Paulo Sette Câmara mandou perguntar quanto tempo eu ficaria em Belém, informei que ficaria o tempo necessário para que pudesse me receber. A sua resposta foi a seguinte: "Achei que iria embora hoje porque até amanhã não é bom você ficar por aqui". Não tenho receio disso, mas pavor!

DIFICULDADE

Entre todos os livros que escrevi, este foi o mais difícil, pois não conseguia chegar a uma forma. Não acreditava

na primeira versão, e se eu não acredito, não posso publicar. Escrevi mais ou menos umas 370 laudas. E para o desespero do editor, eu dizia: “Estou te mandando o texto na quarta-feira, na quinta-feira”, tudo mentira, porque eu não havia conseguido encontrar a veia. A segunda versão achei pior ainda. Mas foi bom esse meu drama, porque me permitiu ordenar o livro de uma maneira razoável, buscando entender o significado do estado do Pará, que é um mistério. Descobri coisas incríveis: o Pará é mais que o dobro da França – que

sesmarias que teriam sido cassadas na chegada de Dom João VI ao Brasil. É uma mentira absoluta. Ninguém nunca viu Carlos Medeiros na vida, mas ele deve ter hoje cerca de 138 anos de idade e ganha ações contra o Estado brasileiro. O Estado desapropria suas terras, indeniza, os seus advogados cuidam disso e após seis ou sete anos Carlos Medeiros volta reclamando que a indenização era pequena. Ele é dono, no Pará, de uma extensão de terras que corresponde a Portugal, Holanda e Bélgica somadas. Então, é nesse ambiente que as coisas aconteceram.

O LIVRO

Existem dois aspectos importantes no livro. Primeiro, o significado do estado do Pará: seria possível produzir uma enciclopédia sobre o tema, mais do que um livro. Segundo, é como vivem hoje os sobreviventes do massacre. Foram 22 mortos, há 66 mutilados em condições dramáticas, que sobrevivem até hoje, e ainda 2,5 mil mutilados na alma, porque quem viveu aquilo não precisa ter uma bala na perna ou na orelha para ser traumatizado para sempre. Eles conseguiram a terra deles, vivem bem, mas tocaram o céu com a mão. Isso se resolveu de uma maneira incrível, o massacre foi em abril, entre agosto e setembro a terra foi desapropriada, dividida e distribuída, mas porque isso não foi feito quatro meses antes, não se sabe. Acredito que a súbita generosidade deve-se ao escândalo que isso causou no mundo a partir das fotos de Sebastião Salgado. Portanto, neste livro conto como é a história do Pará, como vivem os sobreviventes, reconstituo o massacre sob dois pontos de vista, aprendi isso com os meus amigos cineastas. Tem uma narrativa de dentro e uma de fora, e as duas coincidem absolutamente. Cada afirmação do livro tem pelo menos três fontes. Finalizo com a farsa da justiça brasileira, mas a conclusão é do leitor, não faço nenhuma interferência no livro, apenas uma abertura, onde revelo aquilo que pessoalmente concluí. A vida é feita de escolhas, ninguém é imparcial e totalmente neutro. Então, este não é um livro imparcial, mas objetivo. Não é um livro a favor do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) ou contra a polícia militar do Pará, ambos são personagens. O livro trata, sobretudo, do sistema de poder no Brasil, país que é o campeão mundial da desigualdade social, da injustiça e das mazelas, precisa de uma justiça injusta para preservar os privilégios. Eldorado



é o maior país do continente europeu – em extensão e tem uma população menor que a da cidade do Rio de Janeiro. Então, reconhecer que existe um conflito de terras e que as pessoas se matam por espaço, me parece algo esquisito. Lá, ninguém é dono de nada, mas todo mundo é dono de tudo, isso vem da ditadura. Vou dar exemplos: num determinado município, em outubro de 2005, no cartório pude contar quantas propriedades rurais estavam registradas e qual a extensão de cada, eram 414 hectares e a dimensão do município 216, algo impossível, a não ser que existam fazendas verticais; em seguida, tropecei com um personagem magnífico, chamado Carlos Medeiros. Ele tem CPF, carteira de identidade, um batalhão de advogados e é herdeiro de portugueses, que, na época da República, reclamaram

dos Carajás é um emblema disso, como se fosse uma lâmina de microscópio de laboratório de análise: isto aqui é o Brasil e nós não podemos esquecer. Esquecer é permitir que torne a acontecer. Lembrar não é vingança. Esquecer é se omitir. Escrevi este livro para tentar que essa história não seja esquecida. Enquanto não houver um governo que encare com decisão e vontade política a questão agrária, isso pode acontecer novamente, a qualquer momento. A questão de Eldorado dos Carajás se tornou um emblema por uma conjuntura: havia no local uma repórter regional, a jornalista Marisa Romão, que prestou o depoimento, e o próprio Sebastião Salgado, que é um maluco total, não perde história, ele ouve, corre atrás e não tem limites. Os tiranos esquecem que os sobreviventes têm memória. O sonho do tirano é não deixar rastros e impor a sua verdade. No Brasil, não há apenas um tirano, mas um sistema que é tirano. A engrenagem de poder faz com que um país de 180 milhões de habitantes tenha um mercado de cerca de 36 milhões de consumidores, o resto é o resto. Estamos em 2007 e continua tudo igual.

AMÉRICA LATINA

Meu interesse pela América Latina surgiu da maneira mais casual do mundo. Começou em Montevidéu, sou filho de um físico, precursor em muitas coisas interessantes no Brasil, inclusive, do uso do ultrassom. Meu pai fazia testes de ultrassom em aviões da Pluna – aquela antiga companhia aérea uruguaia – ia para lá a cada dois meses, e eu comecei a ir com ele. Nada mais do que isso, não tem nada de ideológico. Viajei também para a Argentina e descobri que existia um mundo à margem. Quando completei 24 anos, senti que tinha de ir embora do Brasil e, então, fiz uma viagem de dois meses pelo Uruguai, Argentina, Bolívia, Chile e Peru para escolher um lugar para morar. Em fevereiro de 1973, fui parar em Buenos Aires. Até hoje, a minha história de vida é a seguinte: cheguei na Argentina na véspera da volta da democracia; quando tive de fugir da Argentina, cheguei em Madri logo depois da volta da democracia; quando fui para o México, estava tudo bem, mas era por causa dos sandinistas que tinham se libertado. Na verdade, fui parar em Buenos Aires por causa de um amigo, o compositor Astor Piazzolla. A motivação não é muito ideológica, mas é a verdade.

BUENOS AIRES

Morei em Buenos Aires de 1973 até 1976. Eu não sei de verdade dizer qual seria a relação do mundo que a gente vive hoje com aquele que se sonhava há 34 anos. Tenho um filho de 32 anos, que é certamente a melhor coisa que eu fiz na vida. Nasceu numa época de horror, tudo que eu queria era, um dia, poder contar para ele o que a gente viveu naquele tempo e que ele me dissesse que era tudo mentira. Mas essa época passou. Evidentemente, em termos concretos, vive-se melhor hoje: temos coca-cola em lata, *google* – digito um nome e sei tudo da vida de determinada pessoa, carro automático com ar-condicionado. O mundo mudou, custa muito mais barato viajar. A grande diferença é que, na década de 1970, eu era regido pelo “nós” e hoje o mundo é regido pelo “eu”. Nesse sentido, não sei se o celular, o *google* ou carro hidramático compensam. Não me arrependo de nada do que eu perdi, mas do que eu não tentei. Aprez-me muito olhar para o meu filho e saber que ele é melhor que eu. Tudo o que queria na vida e eu consegui, sou abençoado por ela. Se fizer um balanço, percebo que a vida não me deve nada, sou eu que devo para a vida um cheque especial que não poderei cobrir nunca!

ASTOR PIAZZOLLA

Ele é completamente neurótico e arrogante, mas é uma das pessoas mais queridas da história da minha vida. Se ele não fosse assim, seria caixa de banco e eu seria ser amigo dele igual. Conheci Piazzolla, em 1968, andando por Buenos Aires sozinho e com apenas 72 dólares no bolso. Eu andava para lá e para cá, até que encontrei um lugar chamado Maria de Buenos Aires, e entrei para ver o espetáculo. Éramos, ao todo, quatorze na platéia e deliramos. Na verdade, o que me interessou muito foi a cantora, que tinha uma voz de madrugada, era bonita e esguia. Quando acabou o espetáculo, descobri que era a mulher de Piazzolla, Amelita Baltar. Então, eu disse que era brasileiro e ele me convidou para jantar. Quando digo que sou abençoado pela vida é porque me acontecem essas coisas. Sou amigo de Amelita até hoje, mas depois dos primeiros dez minutos de jantar, ela já não tinha a menor importância. Ele sim, tão vulcânico, louco e maravilhoso. E foi assim que nos conhecemos. Houve um dia, nunca irei esquecer o jornalismo naquele tempo, num domingo de 1972, quando trabalhava para o *Jornal da*



Tarde, em São Paulo, eu era o responsável pelo fechamento do caderno de cultura. Então, chegou às 21h30min e fui falar com o secretário de redação, o escritor Ivan Ângelo, e disse: “Secreta malandro, tudo bem, bicho? Estou me mandando”. Em São Paulo, ninguém falava assim, eu trazia esta linguagem do Rio de Janeiro. Ele respondeu: “Legal, mas tem a página 21, você tem uma página inteira aberta”. Eu não tinha o que colocar naquela página. Mas fui socorrido por Astor Piazzolla, e como profissional sério, digno, radical, extremista, xiita que sempre fui, voltei e fiz uma página do jornal de segunda-feira da família Mesquita, rigorosamente baseada em contracapas de discos que eu tinha trazido de Buenos Aires. Naquele tempo, não havia *google*, eu não sabia nem a idade de Piazzolla. Apenas ouvi os discos e produzi um comentário. Na terça-feira, o diretor Ruy Mesquita queria saber quem era o ‘pizzaiolo’ que havia ocupado uma página do seu jornal. Eu achava que eu não podia responder, estava tão humilhado e indefeso que não podia falar, se o fizesse seria a minha demissão. Saí da sua sala achando que estava fora, mas o milionário

paulista, Max Feffer, dono da Companhia Suzano de papel e celulose, grande poluidora do Brasil, leu a matéria e convidou Piazzolla para fazer a sua primeira turnê pelo Brasil devido ao fato de, num domingo, ter me sobrado uma página do jornal.

TRADUÇÃO

Não sou tradutor, mas um escritor que traduz os amigos. Comecei e continuo até hoje traduzindo por afeto. Meu primeiro conto foi publicado em espanhol, aliás, o segundo e o terceiro também. Meu primeiro livro da mesma forma. Eu me formei em outro mundo. Não tenho tantos amigos escritores no Brasil. Os meus amigos no Brasil são músicos e cineastas. Quando estava em Buenos Aires, comecei a ler e descobrir um universo que não conhecia, a traduzir e buscar um jeito de publicar. E publiquei muito em jornal. Publicava contos traduzidos em jornais porque desejava que os meus amigos brasileiros ficassem sabendo dos meus amigos novos de lá. Era uma ponte de afeto para não perder a continuidade da minha vida, faço isso até hoje. É assim que eu traduzo, claro que cobro dos editores, mas a raiz não é essa, não vivo disso, vivo para isso.

GARCÍA MÁRQUEZ E GALEANO

A maior dificuldade que tenho para traduzir não é técnica, mas emocional. Quando terminei de traduzir o livro de memórias do García Márquez – *Viver para Contar* – foi complicado. Tenho uma casa na Serra, perto do Rio, onde vivo metade da semana, devia ser quase cinco horas da manhã, eu chorava, mas aos berros e uivos ao ler a última página. Eu preferia estar enfartando, ia doer menos, do que traduzir aquela beleza. Então, não é técnico o negócio. Por exemplo, recebi, por e-mail, 367 arquivos do livro novo do Eduardo Galeano, que é meu irmão mais velho, a filha mais velha dele é casada com o meu irmão caçula. Como sou muito mais jovem, tenho sobrinhos, ele tem netos. Não faço idéia como é que vai ser traduzir isso. Existe um peso técnico, evidentemente, de buscar palavras. Parece uma bobagem isso, mas não consigo explicar. Quando vou traduzir esses escritores, meus amigos, fico lembrando deles, de mim, de como é que era, do que a gente sonhava, do porquê dele estar escrevendo determinada coisa que, muitas vezes, eu sei – “Isso aqui a gente já falou há 20 anos”, penso.

Então, é um trabalho muito complicado. Cada vez que me convidam para esse negócio de seminário de tradução, sou um desastre. Aquela regra de que se deve ler cinco vezes pelo menos e anotar as dúvidas, não existe para mim. O livro está aqui, não li, vou traduzir, e só então vou ler, enquanto traduzo, porque quero ter a surpresa de estar escrevendo. Eu quero ter a surpresa do amanhã e as dúvidas, vou resolver comigo mesmo. Já o Galeano é fogo, ele revisa comigo cada página. Um inferno. Eu achei que a internet ia me salvar disso porque ficaríamos longe fisicamente. Quando está tudo certo, depois de várias revisões, ele questiona: “Estou embarcando ou você está embarcando para a gente sentar e bater o texto final?”. Sempre me perguntam sobre as dificuldades técnicas em traduzir García Márquez, que é um escritor que usa um castelhano castiço, muitas vezes resolvo através do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda. A palavra é de um português castiço porque é de um castelhano castiço, que não se usa nem lá nem cá. Existem mil truques para resolver isso, mas a minha maior dificuldade é a questão emocional. ■

A canja



Acompanhado ao piano por Lucas Correa, o violonista Sérgio Rojas abriu a canja com uma milonga, *Mãos Campeiras*, escrita em homenagem ao cantor uruguaio Alfredo Zitarrosa. As duas próximas canções foram compostas, respectivamente, para a 17ª e a 34ª edições da Califórnia da Canção Nativa: *Sangria* e *Nova Caminhada*. Para encerrar, uma milonga que fala de cavalos de bronze, em homenagem ao artista plástico gaúcho Vasco Prado, seguida por *Dança dos Trigais*, vencedora da 1ª Moenda da Canção Nativa.

